

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Impressões do Cinema Espanhol em Democracia  
em colaboração com Mostra Espanha 2024  
15 e 22 de Novembro de 2024

## EL AÑO DEL DESCUBRIMIENTO / 2020

*um filme de Luis López Carrasco*

Realização: Luis López Carrasco / Argumento: Luis López Carrasco, Raúl Liarte /  
Imagem: Sara Gallego / Montagem: Sergio Jiménez Barranquero.

Produção: Luis Ferrón, Luis López Carrasco, Pedro Palacios, Daniel M. Caneiro, Ricard  
Sales, David Epiney, Eugenia Mumenthaler, Pablo Pérez (Espanha, Suíça, 2020) /  
Direcção de produção: / Cópia: em digital, legendada em inglês e electronicamente em  
português / Duração: 200 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

com a presença de Alberto Berzosa

---

Realizado em 2020, **El Año del Descubrimiento** estreou no Festival Internacional de Cinema de Roterdão e venceu, entre outros prémios, os Prémios Goya desse ano para melhor documentário e melhor montagem. O seu realizador, Luis López Carrasco (Múrcia, 1981) é cofundador do colectivo audiovisual Los Hijos, sendo autor de vários livros de ficção e de um livro de entrevistas a produtores do cinema espanhol contemporâneo. Cineasta, produtor e escritor, havia antes chamado a atenção com **El Futuro**, a sua primeira longa-metragem, estreada no Festival de Locarno.

Em **El Año del Descubrimiento**, López Carrasco dissecas as contradições que Espanha atravessava em 1992, ano em que se realizou a Exposição Universal de Sevilha, os Jogos Olímpicos e foi organizado o V Centenário do Descobrimento da América. Acontecimentos que visavam projectar internacionalmente a imagem de um país próspero e virado para o futuro, mas que, ao mesmo tempo, atravessava um processo tardio de reconversão industrial iniciado na década de oitenta, atrasado face a outros países europeus devido aos anos de franquismo. Um processo que conduziu ao encerramento de inúmeras empresas, à mobilização dos seus trabalhadores, e a grandes lutas por melhores condições de vida e de trabalho por parte de todos aqueles em situação precária, ou que se viram sem emprego de um dia para o outro.

Se a realidade é apresentada como dividida, o filme também. Organizando-se como uma montagem de testemunhos, **El Año del Descubrimiento** divide-se por dois ecrãs, colocados lado a lado em *split screen*. Neles, os cerca de cinquenta entrevistados que

participaram ou foram testemunhas desses tempos de contestação e agitação social vivida em Cartagena, expõem argumentos, que se confrontam ou complementam, numa teia arduamente tecida pelo trabalho de montagem. Jovens, velhos, homens, mulheres, conversam à mesa de um café ou confessam as suas expectativas relativas ao passado ou ao futuro. Nesse ano de 1992, à medida que as celebrações se revelavam, os protestos também, e o que começou de modo pacífico culminou numa revolta massiva que levou ao incêndio do parlamento regional.

Luis López Carrasco apresenta-nos assim uma poderosa imagem de um período de transição que, se envolto numa imagem de prosperidade e de mudança, apresentava um lado negro, menos visto. O realizador, mostra-nos o que se sentiu na comunidade de Múrcia, de onde é oriundo, no contexto da implementação de políticas económicas, que afectaram milhares de trabalhadores da região após o colapso de grandes empresas dedicadas à construção naval ou às indústrias química e metalúrgica. A situação de incerteza laboral na cidade, em plena crise industrial, conduziu aos protestos junto ao parlamento regional de Múrcia, que ardeu, como poderemos ver nas imagens.

Tudo se reúne assim num filme coral, contado a várias vozes, cuja complexidade se espelha na sua longa duração, assentando em grande parte nas palavras dos entrevistados, como nos revela o realizador, secundado pelo seu montador:

A palavra a Luis López Carrasco: “Tínhamos cinquenta personagens e há quarenta e cinco no filme. Um filme destes deve 80% ao seu elenco, porque determina o resultado. As perguntas feitas no casting, que são guião puro e simples, encontram a história que procuramos. A partir daí, a seleção do material é um acto criativo, um acto de escrita e, por isso, também um acto que pertence à montagem.”

Ou ao montador do filme, Sergio Jiménez Barranquero: “Desde o início que tivemos o firme e sincero compromisso de que todos os entrevistados compareceriam o mais possível e, de facto, quase todos participaram. Da mesma forma, em paralelo, decidimos não editar demasiado o filme. As pessoas tinham de ter voz própria: com os seus silêncios, as suas tosses, os seus piscar de olhos, o que fosse. Só nos permitíamos um corte a cada quatro minutos”.

Joana Ascensão